

sinopse 1980, República Democrática Alemã. A exercer medicina em Berlim, Barbara tenta arranjar um visto que lhe permita ir ao encontro de Jörg, o namorado, à Alemanha Ocidental. Após a recusa do Governo, é desterrada para um hospital de uma localidade rural, longe da capital. Enquanto Jörg tenta encontrar um plano de fuga, ela aguarda pacientemente, evitando tudo o que a possa ligar àquele lugar. Porém, com o passar do tempo, acaba por se sentir atraída por Andre (Ronald Zehrfeld), um colega particularmente caloroso que se esforça para que ela se sinta em casa. Mas, mesmo quando acaba apaixonada por ele, Barbara não consegue entregar-se totalmente, obcecada com a hipótese de ele ser um espião contratado para seguir os seus passos. Assim, à medida que Barbara se vai deixando levar pelos sentimentos que a ligam a Andre, acaba por ser forçada a tomar uma decisão que mudará, irremediavelmente, a sua vida. **Um filme do alemão Christian Petzold ("Yella", "Jerichow"), que acabou por arrecadar, em 2012, o prémio de melhor realizador no Festival de Berlim.**

Título original: Barbara (Alemanha, 2012, 105 min)
Realização e Argumento: Christian Petzold
Interpretação: Nina Hoss, Ronald Zehrfeld, Rainer Bock
Fotografia: Hans Fromm
Montagem: Bettina Böhler
Som: Andreas Mücke-Niesytka
Estreia: 31 de Janeiro de 2013
Distribuição: Leopardo Filmes
Classificação: M/12



É tão bom ser livre

Luis Miguel Oliveira, Público de 31 de Janeiro de 2013

Vamo-nos habituando a Christian Petzold, o que é uma boa coisa porque se trata de um dos mais interessantes cineastas alemães da actualidade.

Barbara, com data de 2012, é o terceiro filme de Christian Petzold a ser estreado em Portugal, e aparece escassos seis meses depois da estreia de um filme mais antigo, **Jerichow**, de 2009 (e antes disso, estreara-se **Yella**). Na sua ausência de espectacularidade e grandiloquência; no seu cuidado “humanista” na composição das personagens e ambientes em que se inserem; na espécie de “linha clara”, inteligência convertida em discrição, que domina as suas construções narrativas (com razoável influência, e já lá iremos, do clássico americano); na relevância, frequentemente irónica, do comentário social que os seus filmes produzem; nisto tudo, Petzold (que nasceu em 1960) parece hoje um herdeiro de alguém como Rudolf Thome, talvez o mais discreto elemento de uma geração anterior de cineastas alemães, a de Fassbinder ou Wenders.

Barbara leva-nos à RDA do princípio dos anos 80. É a história de uma médica berlinense (a excelente Nina Hoss, uma “regular” de Petzold) desterrada para uma terreola perto da costa do

Mar do Norte (que também era a geografia de **Jerichow**) depois de ter tido a ousadia de pedir uma autorização para emigrar. Desterrada e vigiada, que a Stasi, mesmo nas beças, não brinca, e todos são, ou podem ser, “informadores”. Mas Petzold filma isto sem paranóia nenhuma, nem sequer revanchismo - o médico que controla Barbara é à sua maneira também uma vítima (e numa das melhores cenas, uma lição de pintura sobre a *Lição de Anatomia* de Rembrandt, sinaliza-lhe o lado em que está), e até o oficial da Stasi, se começa por ser um vilão reminescente dos nazis languianos (esparramado numa cadeira com um sorriso cínico enquanto Barbara é revistada e humilhada), terá direito mais tarde, e sempre num contexto hospitalar, a um sopro de humanidade.

O que condiz perfeitamente com o carácter anódino da própria “reconstituição” da RDA, anos 80 - se não soubéssemos de antemão que eram esses o cenário e a data fãmos demorar algum tempo a percebê-lo. Não há nem o folclore da *östalgie* (tipo **Adeus, Lenine**) nem aquilo é o lúgubre comboio-fantasma de **As Vidas dos Outros**, por exemplo. E praticamente toda a reconstituição de época é dada por sinais narrativos, é mais um “ambiente” do que um “cenário”, construído por detalhes directamente ligados ao comportamento e aos gestos das personagens - por todos, a opacidade furtiva e inquietada da acoçada protagonista.

Há muita ironia a trabalhar em **Barbara**, dos diálogos (quando Barbara é acusada de ter um comportamento “separado”, ela que foi “separada” da sua vida num país definido pela sua “separação”...) a esta descrição de um ambiente totalitário em ponto pequeno e provinciano. Há também bruscas enxurradas de severidade, como a história da miúda fugida de um campo de trabalho, que virá a ser crucial para o desenlace. E há, claro, não pouca ambiguidade no olhar sobre o Ocidente, através da personagem (um ocidental) do namorado de Barbara, que a vem visitar em encontros-relâmpago e pretende fazê-la passar para o outro lado. Num desses encontros diz uma daquelas frases mágicas ao contrário, que parece que estragam tudo: que ganha muito bem e por isso Barbara não precisará de trabalhar quando passarem para o Ocidente (e somos nós, não é o filme, quem diz que é esta a frase que estraga tudo). Abre-se o caminho para o desfecho, mais irónico do que sacrificial; e no campo-contracampo dos últimos planos, quase estamos à espera que Petzold (que “adaptou” em **Jerichow** o *Carteiro Toca Sempre Duas Vezes* e pediu aos actores de Barbara que vissem o **To Have and Have Not** de Hawks) faça alguém dizer que aquilo “é o princípio de uma bela amizade”. Não faz, faz melhor ainda: corta para o negro do genérico, e apõe-lhe uma canção dos Chic que diz que “it's so good to be free”.

Amar sob vigilância _ ENTREVISTA ao realizador

Publico de 1 de Fevereiro de 2013

"Barbara" é a história de uma médica em fuga da opressão de um regime, do seu passado e do lugar onde viveu e amou: a RDA. Urso de Prata do Festival de Berlim de 2012, o novo filme de Christian Petzold estreia em Portugal.

Inicialmente considerado como um dos nomes mais significativos do cinema da "escola de Berlim" (a nova geração de cineastas alemães que começou a filmar na última quinzena de anos), Christian Petzold (n. 1960) já ultrapassou essa descrição para ser, hoje, um dos realizadores mais interessantes do cinema europeu actual.

Barbara é um filme sobre alguém que observa - algo que partiu da forma como Petzold, em adolescente, olhava para a forma como os pais se relacionavam. Residente na República Federal da Alemanha (RFA), para onde tinham fugido do regime socialista da República Democrática da Alemanha (RDA), a família regressava ao país de origem para um período de férias anual. Petzold

conta que, aí, via os pais "sob uma luz diferente". "Já não eram só pais que me davam dinheiro e me levavam à escola: abriam-se de novo, vi que também tinham tido uma juventude, com os seus corpos e emoções, que viveram nos anos 50." Quando chegaram ao Ocidente pela primeira vez, "puseram as suas memórias de lado - já não queriam falar sobre o socialismo nem sobre o que tinham vivido."

Barbara concentra-se na forma como uma personagem também deseja cortar com um passado onde, invariavelmente, deixou também uma inocência perdida. Recém-chegada a um hospital de província, vinda de Berlim (expulsa pelo partido por ter feito um pedido de transferência para o Ocidente), Barbara é uma médica sem lugar e constantemente observada pelos seus pares e pela Stasi, a polícia secreta. "Esta personagem tem também um muro dentro de si. Do outro lado dele, deixou tudo o que havia de positivo no socialismo, pois de certa forma fazia parte do partido e fez uma carreira de médica dentro dele. Quando decidiu ir para Oeste, nunca mais quis pensar nisso, mas as imagens que ficaram do outro lado do muro regressam como flashes de luz, estão marcadas na sua consciência."

Barbara observa os outros e sente-se observada pelo regime através dos corpos que a rodeiam. Pessoas que são agentes, olhos que reportam para uma vigilância - algo que a faz comportar-se do mesmo modo. "Ela está a esconder-se e existe uma grande solidão nesse exílio. Isso tira-lhe tanta energia que, quando ela mente, vemos nos olhos dela que se trata de algo difícil de fazer. Isso dá muita emoção à personagem e muita compaixão."

Dentro da repressão, uma história de amor

Mas o filme de Petzold não é mera reconstituição histórica de um período político. Dentro de um clima de repressão que vive no olhar das pessoas, o realizador mostra como uma história de amor nasce num lugar que proíbe a exibição de sentimentos. "Não gosto da oposição óbvia que existe nos filmes entre um regime opressivo e o amor como elemento natural de liberdade e inocência", explica. "Estou mais interessado em ver como um sistema com linguagem própria muda quando surge uma história de amor, ou como a própria



linguagem do amor muda com ele. Em Barbara, as personagens observam o corpo um do outro, decifram as frases e o gestos que trocam - isso é uma sedução. Disse a Nina Hoss [atriz principal] que teria de ser como em Ter ou Não Ter (1944) de Howard Hawks, em que se usam diálogos como gestos: Bogart e Bacall olham sempre um para o outro a perguntarem-se sobre o significado do que dizem e fazem. É uma linguagem amorosa muito inteligente, como se fosse uma dança da liberdade perante a opressão que sentem."

O realizador encontrou uma parceira privilegiada na atriz: "Quando comecei a fazer filmes, era como um cientista. Sentava-me, tinha uma storyboard e um guião escrito, e os actores tinham de fazer o seu trabalho. Quando conheci Nina, senti uma empatia natural. Agora, os ensaios são feitos duas semanas antes de filmar com todos os actores. Lemos o guião uma vez e vamos ao cinema ver cinco ou seis filmes. Fazemos uma viagem a todos os lugares onde queremos filmar para que os actores se sintam parte da produção. Os actores já são como uma família para mim, e estamos juntos há cerca de dez anos."

Barbara contraria também a imagem que o cinema tradicionalmente faz de um território repressivo: enquanto que esse sentimento é entregue à expressão dos actores, a força das paisagens, e o calor reprimido dos corpos guardam as cores e os seus sons naturais. "Todos os filmes que vemos sobre um período que desapareceu, como a RDA, mostram um país frio, sem cores, e com pessoas pálidas", diz Petzold. "Mas existiram outros filmes, feitos por operadores de fotografia da RDA, com cores muito fortes. Eles desapareceram, tal como o país. Por isso, decidimos que teríamos de reconstruir essas cores e trazer a sua natureza. Procurava o que existe nos filmes de Robert Bresson: o vento, o sol que entra pela janela, os barulhos, a realidade que está para além dos símbolos e que só existe naquele momento."

"Quando vemos Barbara na sua bicicleta, não é só uma personagem de um filme histórico, é um corpo que funciona", explica. "A maior parte dos livros são baseados na Odisseia de Homero, e vemos isso também nos filmes, como em *Taxi Driver* (1976) ou *O Caçador* (1978), sobre o Vietname: quando [as personagens] voltam aos EUA, não encontram o sítio de onde vieram, e viajam pela paisagem ou pela sua consciência. É uma viagem que têm de fazer para ultrapassar uma experiência traumática e serem, de novo, humanos." E descobrir, perante a opressão de um regime, se podem existir e amar outra vez.